

30/3/77
A 301

QUE RICA TROCA!

TRAZER FUTEBOL LEVAR BACALHAU

FUNCHAL — Chama-se Saldanha e é motorista de profissão. De estatura meã, em contraste com o vozeirão de barítono, conduz o autocarro com a firmeza e a segurança de um automóvel electrónico. Sabe, de olhos fechados, todos os caminhos da sua ilha natal. Meio a sério, meio a brincar, gaba-se de ser capaz de levar o seu autocarro a bom porto, de costas voltadas para o volante, através das 189 curvas que vão do aeroporto ao Funchal.

Lá que é homem que sabe do seu ofício, ninguém duvida. Nas suas mãos, grossas e potentes, o pesado veículo parece um brinquedo de criança. Na sua frente, a estrada, sinuosa e magra, como vereda de presépio, parece alargar-se para lhe dar passagem.

Muitos dos jogadores conhecem-no. Não há, aliás, equipa de futebol do Continente que não tenha passado pelas suas mãos quando se desloca à Madeira. E todos brincam com ele, todos o tratam com familiaridade e a amizade que se dedicam aos velhos amigos. Fazem-lhe perguntas, pedem-lhe conselhos e ajudas, quer se trate de encontrar uma pessoa no Funchal, quer de comprar uma prenda para a esposa, ou uns quilos de bacalhau para a dispensa.

É verdade. Saldanha, amigo de todos os futebolistas que vêm do Con-



tinente, motorista, cicione, adepto ferrenho do Marítimo (é ser português duas vezes, diz ele, aludindo a facto de o Marítimo usar as cores verde e encarnada nos seus equipamentos), é também o feliz responsável pelo facto de, em muitas casas do Portugal velhinho, haver bacalhau (e do bom!...) nos dias em que os jogadores de futebol regressam da Madeira. Segundo ele me disse, há menino que chega a levar para Lisboa, 50 quilos do «fiel amigo», agora transformado em artigo de luxo, se não ainda por decreto ministerial, ao menos por declaração expressa de um senhor secretário de Estado.

Lá como é, não sei. Se são os casos suecos que o trazem na bagagem quanto partem para a «Pérola do Atlântico», se são os madeirenses que possuem e usam processos de comércio ainda desconhecidos nos gabinetes e armazéns de Lisboa, é problema que não consegui desvendar. A verdade é que, no Funchal, o bacalhau (e do bom!) ainda não constitui artigo de luxo. E oxalá que o senhor secretário de Estado não leia estas linhas, não vá ele pretender tornar extensivo à Madeira, o seu peregrino critério sobre aquilo que, no Continente, constitui artigo de luxo.

Para encurtar razões e espaço: quem tiver um amigo entre os futebolistas que vieram à Madeira defrontar os suíços, vá esperá-lo ao aeroporto, cheire-lhe a bagagem e não resistirá à tentação de se fazer convidado para almoçar com ele, no dia seguinte.

Saldanha, o motorista de voz de barítono e mãos de ferro, em cujo autocarro viajam todas as equipas que vêm do Continente, lá arranjou maneira de não deixar ninguém sem uma dose de bacalhau. E do bom! Mas, por favor, evitem que o saibam aqueles para quem o bacalhau é... um luxo.

Cá por coisas...

ALFREDO FARIN